

Blecaute atinge centro do poder e irrita presidente

BRASÍLIA — Às 15h, quando recebeu para um despacho de rotina o ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, o presidente Fernando Collor teve um exemplo perfeito das dificuldades geradas pelo blecaute, que paralisou Brasília por quase 11 horas. O ministro lhe entregou um documento, escrito à mão, que depois da assinatura presidencial se transformaria em portaria. Com o texto na mão, Collor foi informado que todas as máquinas de escrever do Ministério da Infra-Estrutura são elétricas e que a única solução para encaminhá-lo ainda ontem ao *Diário Oficial* para publicação foi escrevê-lo à mão, trabalho feito por uma secretária.

Depois disso e à medida que foi sabendo de transtornos causados pelo blecaute a toda a equipe ministerial, Collor ficou irritado e muito nervoso. Antes das 8h, quando ainda estava em casa, foi informado da paralisação e se preparou para um dia cheio de problemas. Às 9h05, quando chegou ao Palácio do Planalto, o presidente teve uma boa surpresa: a Companhia Elétrica de Brasília (CEB) tinha providenciado um fornecimento de emergência para a Praça dos Três Poderes, beneficiando o palácio, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

No Congresso, os poucos deputados e senadores presentes não puderam fazer praticamente nada. Para economizar energia, os elevadores e os aparelhos de ar condicionado foram desligados e os funcionários foram dispensados, às 15h. O próprio prédio foi fechado, duas horas depois. O blecaute transtornou também a rotina da maioria do Executivo. Enquanto o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, chegava ao 20º andar do prédio, onde está sua sala, levado por um rápido elevador (o banco é outra das prioridades de energia da cidade), os ministros suaram a camisa para chegar a seus gabinetes. À tarde, Eris teve sua cota de sacrifício: todos os aparelhos de ar condicionado do banco foram desligados e as salas de reunião transformaram-se em saunas.

Escadaria — O ministro da Educação, Carlos Chiarelli, 50 anos, preferiu ficar em casa, de onde despachou. Afinal, em abril, o ministro ficou 20 dias hospitalizado e não quis enfrentar oito lances de escada até seu gabinete.

Ao sair de seu apartamento na Asa Sul, às 8h, a ministra Zélia Cardoso de Mello, teve seu primeiro dissabor com o blecaute. Desceu, irritada, três lances de escada. Graças a dois geradores, que trabalharam alternadamente, Zélia pôde chegar até o 5º andar do prédio do antigo Ministério da Fazenda num elevador. Mas não conseguiu se livrar de um calor insuportável em sua sala: o ar condicionado fora desligado. Para tornar suportável reunião semanal com seus secretários, a ministra ordenou que todas as portas e janelas da sala fossem abertas — coisa que só aconteceu quando ela está fora de Brasília. Enquanto os assessores penduravam os paletós nas cadeiras, afrouxavam os nós das gravatas e dobravam as mangas das camisas, Zélia amargava o calor, pois usava um vestido de mangas compridas.

Na maratona de subir e descer escadas, foram incluídos os presidentes da Eletrobrás, José Maria Siqueira de Barros, e da Eletrossul, Amílcar Gazaniga, que foram chamados às pressas pelo presidente Collor na busca de uma solução rápida para o blecaute. Quando chegou à Eletrobrás, Barros teve que subir cinco andares. Em seguida, foi até o hotel onde mora e subiu mais dois. Depois, para conversar com o ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, subiu outros seis andares. Ao chegar ao Palácio do Planalto para conversar com o presidente, estava esbaforido. Pelo mesmo drama passou Gazaniga, assim como o diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma: ambos contavam histórias sobre as diversas escadarias que tinham enfrentado durante o dia.

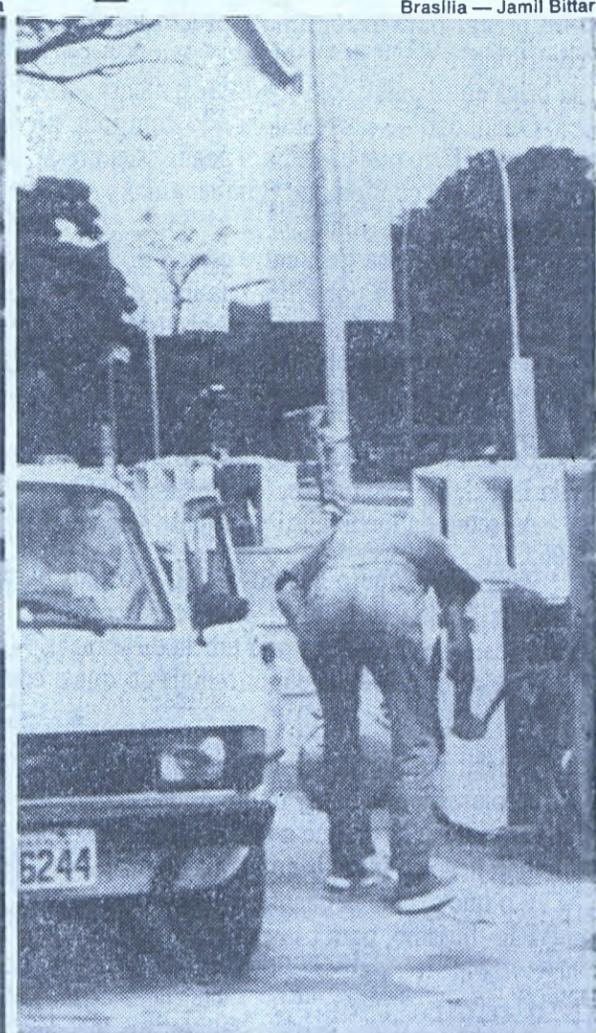
Fratura — Nos ministérios da Educação, Saúde e Agricultura, grande parte dos funcionários só trabalharam de manhã. Morando em cidades-satélites, a uma distância média de 20 quilômetros da Esplanada dos Ministérios, foram obrigados a almoçar em casa, porque os restaurantes dos ministérios não funcionaram. Acabaram não voltando para o trabalho à tarde. No Congresso Nacional, a maioria dos funcionários não pode trabalhar, porque o Anexo 4, onde fica a quase totalidade dos gabinetes dos deputados, não teve energia elétrica durante todo o dia. Os seis elevadores foram desligados e quase ninguém se aventurou a subir os 10 andares do prédio. Nos corredores e salas escuras do Senado, poucos funcionários insistiram em trabalhar.

Um dos motoristas do Superior Tribunal de Justiça (STJ) terá péssimas recordações do blecaute: quando tentava chegar ao 9º andar do prédio, onde fica o restaurante dos funcionários, caiu da escada e fraturou um tornozelo. Foi o acontecimento do dia no STJ, que ficou sem energia das 9h às 14h. Os computadores do Tribunal foram desligados automaticamente e todas as sessões foram canceladas. O mesmo ritual aconteceu nos outros tribunais da capital. Os funcionários da Embrapa, que esperavam por uma audiência de conciliação, terão que esperar a reunião, adiada para hoje. Enquanto o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral suspendiam o trabalho, o Tribunal de Contas da União manteve a rotina graças a um gerador.

Foi também um gerador que garantiu o funcionamento dos computadores do Serpro, que centraliza todos os dados do Imposto de Renda dos brasileiros. Com 80% de sua capacidade em operação, nada foi afetado. Os ministros militares não tiveram preocupações especiais com o blecaute. Limitaram-se a enfrentar as escadas, pois não houve interrupção no fornecimento de energia no QG do Exército nem nos quartéis e residências dos oficiais militares. O ministro da Aeronáutica, Sócrates Monteiro, estava no Rio. Mas não houve nenhum problema com o tráfego aéreo da região. O Cindacta não foi afetado pelo blecaute, uma vez que dispõe de sofisticado sistema de computador e gerador elétrico.



O comércio de Brasília recorreu ao lampião para não fechar as portas



Bombas de gasolina operaram manualmente

Brasiliense teve sentimento de indignação

Sinais apagados, filas nos postos de gasolina, bancos e comércio funcionando precariamente, falta de água, elevadores parados. Um sentimento de indignação tomou conta da cidade, que viveu um dia difícil. “Foi um desrespeito muito grande com Brasília”, protestava, revoltada, ontem à noite, Helena Martins, apanhada pelo blecaute em pleno elevador de seu prédio, na SQS 306. “Aqui em casa estragou tudo, do leite das crianças à carne do jantar.” A Polícia Militar registrou um número quadruplicado de ocorrências na manhã de ontem, 50 chamados, na maioria acidentes de trânsito, nenhum com gravidade.

O principal centro comercial do Plano Piloto, o Conjunto Nacional, shopping center onde circulam 70 mil pessoas diariamente, ficou totalmente paralisado até o final do blecaute. O superintendente do shopping, José Pires, sugeriu aos comerciantes que fechassem as lojas, temendo saques. “Há muita gente circulando pelo prédio, apesar da escuridão”, preocupou-se Pires. Os hospitais de Brasília sofreram pouco com o blecaute. A CEB destinou, em caráter de emergência, o pouco de energia que lhe sobrava para atender às áreas dos hospitais. Mesmo assim, as clínicas radiológi-

cas fecharam. Os médicos, em sua maioria, deixaram de atender clientes pela falta de elevadores nas clínicas.

Transtorno — O blecaute transtornou o cotidiano da cidade, acostumada com horários burocratizados, em que a maioria dos habitantes do Plano Piloto almoça em casa. Os problemas começaram cedo. Na SQS 111, às 7h45, o porta-voz da Presidência, Cláudio Humberto Rosa e Silva, preparava-se para sair rumo ao Palácio do Planalto quando as luzes se apagaram. “É blecaute”, pensou. Menos de 20 minutos depois, de seu gabinete, ouvia pelo telefone o secretário de Energia, Rubens Vaz da Costa, confirmar, indignado, que praticamente toda a cidade estava apagada pela ação dos grevistas. Quase nesta mesma hora, Sandra Costa, mulher do deputado José Costa, antigo opositor do presidente Fernando Collor em Alagoas, descia as escadas de seu prédio tateando pelas paredes e maldizendo a escuridão.

Nos postos de gasolina havia filas de carros, lentamente abastecidos por bombas movidas manualmente pela falta de energia. Nos edifícios no centro da cidade, até as

10h havia filas de trabalhadores em frente aos elevadores, na esperança de que a energia voltasse. Depois, aos poucos, as pessoas subiram pelas escadas ou voltaram para casa. A situação mais grave, porém, era nos açougues. Um funcionário do açougue Filé, um dos maiores de Brasília, preocupava-se com 1 mil quilos de carne no estoque: “Se a luz não chegar até as 2h (era meio-dia), a carne vai queimar, ficar escura, e minha freguesia não aceita carne escura.”

Para os sorveteiros do Conjunto Nacional, a perda ocorreu mais cedo: a mercadoria derreteu toda antes do meio-dia. “Ainda nem sei o tamanho do meu prejuízo”, lamentava Francisco Oliveira Martins, dono de um box de sorvetes.

Velas — A rede bancária foi um dos setores mais prejudicados com o blecaute. Alguns bancos conseguiram recuperar nos almoxarifados antigas máquinas manuais de autenticação. “Foi uma sorte termos há cinco anos duas máquinas manuais guardadas no depósito”, explicou o gerente operacional da agência do Banco Nacional no Setor Comercial Sul, onde os clientes enfrentavam filas longas pela lentidão dos trabalhos. O Bradesco foi o único banco que conseguiu

manter o atendimento normal, mesmo à luz de lâmpadas: seu sistema eletrônico tem baterias que permitem funcionamento normal por longo tempo, e a iluminação da agência foi resolvida com velas e lâmpadas.

A campanha política também foi afetada pelo blecaute. O senador Maurício Correa, do PDT, candidato a governador da coligação de esquerda, dizia ontem à noite: “Tive um dia difícil, sem elevadores não consegui fazer campanha nos edifícios.” E advertia: “Se realmente o blecaute foi provocado por sabotagem, considero um ato deplorável, condenável. Greves devem ser feitas dentro da lei.” O candidato ao Senado pelo PT, Lauro Campos, achava que o governo havia se precipitado ao apontar a sabotagem como causa do blecaute, antes de fazer perícia. O candidato minimizou os efeitos da falta de energia: “Aqui em casa podíamos agüentar sem luz por mais três dias.” Em Taguatinga, cidade-satélite de Brasília, porém, a dona-de-casa Maria Antonieta Silva contradizia o político com o depoimento sobre seu dia de blecaute: “Foi um inferno, não pude nem fazer a vitamina das crianças.”

Brasília — Leopoldo Silva

Brasília — Jamil Bittar